

REDES POÉTICAS: A ESCRITA EM MOVIMENTO DE RYANE LEÃO

Josiane Alves dos Santos¹
Karina Lima Sales²

RESUMO

Este estudo busca apreender a escrita literária como ferramenta tecnológica, tendo como objeto de estudo o projeto artístico transdisciplinar *Onde Jaz meu Coração*, da poeta Ryane Leão. Objetiva assimilar as fissuras dessa escrita relacionando-a à movimentação de outras mulheres negras. A análise utiliza como suporte teórico as discussões contemporâneas sobre poesia, destacam-se Câmara, Klinger, Pedrosa e Wolff (2018), Garramuño (2014) e Kiffer (2014); discute sobre literatura de autoria negra, tensionada por Cuti (2010) e Alves (2010). Para discorrer sobre a movimentação da mulher negra, utiliza, dentre outras, Berth (2018), Gonzalez (1984), Kilomba (2019), Lorde (2019) e Souza (1990) e para tratar sobre o conceito de identidade, o estudo o faz a partir da teoria pós colonial, pensada por Bhabha (1998) e Hall (2002). Estes diálogos buscam conceber a escrita decolonial de mulheres negras como instrumento de mudança social.

Palavras-chave: Poesia Contemporânea; Literatura de mulheres negras; Redes sociais; Ryane Leão.

INTRODUÇÃO

A literatura, ao longo da sua constituição, tem construído um cânone que privilegia uma escrita masculina, branca, burguês, *cisheteronormativa*, entre outros marcadores sociais de privilégios, reforçando o *status quo* e estimulando a manutenção de estruturas e valores patriarcais, racistas, sexistas e de outras opressões da sociedade. A partir da modernidade, com o avanço do capitalismo e o caos social instalado, a presença indispensável da internet nas relações humanas, bem como o avanço de algumas das pautas dos grupos minoritários, as estruturas e os valores hegemônicos da sociedade passaram a ser questionados.

É a partir deste contexto que este estudo se debruça em compreender a produção da escritora negra Ryane Leão, apoiado em seu projeto poético-político: *Onde Jazz Meu Coração*, que se teia em perfis nas redes sociais Facebook e Instagram. Para a análise, escolheu-se como *corpus* as suas publicações de *posts*, fotos, e lambes, entrelaçando o seu livro *Tudo Nela Brilha e Queima: poemas de luta*

¹ Graduanda do Curso de Letras: Língua Portuguesa e Literaturas, turma 2016.2 da Universidade do Estado da Bahia -UNEB- Departamento de Educação *Campus X* - Teixeira de Freitas - BA.

² Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (2019). Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - *Campus X*, Brasil.

e amor (2017). A poeta publica na internet, em blogs e afins, há mais de uma década. O projeto surge com o engajamento da artista em expor os seus versos nas ruas da cidade de São Paulo, por meio da arte de rua com as colagens de lambe-lambe¹. Paralelamente, inicia a publicação nas plataformas digitais Facebook e Instagram, por meio de publicações de *posts* (conteúdo publicado no espaço virtual) de poemas e fotografias em que aparece com versos escritos no corpo. Leão, além disso, performa os seus versos aos cantos e gritos nos *Slams* (batalhas de performance de poesia). A visibilidade que ganhou nas redes sociais fez com que fosse procurada por uma editora disposta a lançar uma poeta brasileira no estilo da poeta canadense nascida na Índia Rupi Kaur. Assim, Ryane Leão lançou o seu primeiro livro de poemas. Em 2019 lançou o seu segundo livro pela mesma editora, *Jamais peço desculpas por me derramar*.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter bibliográfico (livros, artigos, etc), de propósito exploratória (redes sociais) visto que investiga as tessituras poéticas presentes neste espaço. Este estudo é qualitativo, de maneira que a partir das análises realizadas se constituirá um arcabouço teórico para se perceber a manifestação poética em plataformas digitais. O *corpus* da pesquisa se constitui da obra: *Tudo nela brilha e queima* (2017), bem como, da seleção de posts de poemas, lambes e fotografias nas redes sociais, Facebook e Instagram, do projeto *Onde Jazz Meu coração*.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A produção apresentada pela autora demonstra várias rupturas, tendo em vista o seu caráter inespecífico. A partir do momento em que a sua escrita incorpora uma gama de suportes (internet, ruas, livro, fotos), seja pela publicação em *posts*, o uso do próprio corpo como *locus* de enunciação, os lambes, ou pela participação nos *Slams*, a autora transgride com a tradição engessada apenas na escrita, como meio de publicação e leitura.

A partir da crítica literária da poesia contemporânea, elegeu-se quatro conceitos estéticos para analisar o corpus: *A relação com o tempo*, *Endereçamento*,

¹ Prática comum nas grandes cidades, em que colagens de impressões coloridas ou não são coladas em paredes, postes, estações, lugares em que exista grande circulação de pessoas. Podem propagandas como também colagens de arte específica - grifo nosso.

Uma escrita fora de si e Formas do não pertencimento. A relação com o tempo é lida como um estranhamento ao presente, a fim de ter consciência dele, em busca de ampliar a sua presença em outros tempos, seja no passado ou futuro, com o propósito de transformar a história lida. Esse recurso é percebido no corpus, quando o eu poético traz o passado de modo revisionário, convocando-o a partir de um processo de cura do eu poético.

O Endereçamento trata-se de uma característica discursiva no texto poético, que produz um movimento a partir de uma conversação que se constrói com palavras em trânsito, sem um destino/leitor certo, mas tem como intenção estratégica a irritação/sedução do leitor. (CÂMARA et al., 2018). Essa estratégia é recorrente nos poemas, percebe-se o seu uso ao direcionar um alerta e/ou conselho ao leitor ou até mesmo para si próprio.

A noção do “fora de si” é escolhida para se pensar a performance corporal das fotografias de Leão que compõem o *corpus*. De maneira que, ao escrever em seu próprio corpo, tomar a pele como lócus, como suporte, esse corpo feito de carne e órgãos deixasse de ser só isso, e passasse a ser algo mais (KIFFER, 2014).

Sobre Formas do não pertencimento, observa-se que o corpus demonstra o político por colocar em questão a ideia da especificidade. A heterogeneidade do projeto *Onde Jazz Meu Coração* que explora formas diversas, aguça outros sentidos (audição, visão e tato) (GARRAMUÑO, 2014). Torna-se evidente um estranhamento à especificidade, essa escrita que grita e acontece na rua através dos lambes, e que migra para internet a partir das redes sociais, que também é corpo, e que se torna livro.

A escrita de Leão, enquanto mulher negra, é entendida a partir de um processo de autorreconhecimento de sua identidade, do seu pertencimento étnico racial. De maneira que a escritora coloca em discussão a sua própria formação identitária brasileira, desnudando o mito da democracia racial, ao passo que expõe o preconceito e o racismo (ALVES, 2010). O processo de auto reconhecimento enquanto mulher negra aparece em seus escritos. Neuza Souza diz que este movimento é muito difícil, porque o ideal de Ego do negro é branco, tendo em vista, que nasce e sobrevive em uma sociedade, de ideologia imposta pelo branco, como algo a ser atingido (SOUZA, 1983).

O uso proeminente da internet para publicação dos seus poemas, por quase uma década, é um reflexo do uso da internet como um espaço que tem permitido a

grupos historicamente discriminados produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica (RIBEIRO, 2017). A escrita de Leão neste espaço representa um empoderamento, que não compreende apenas o entendimento do cultivo do auto-amor ou da autoestima. Para Joice Berth, é antes de mais nada pensar em reconstruções sociopolíticas, a fim de romper com o que é posto pelas matrizes de opressões ao longo da história (BERTH, 2018). Além disso, o empoderamento parte da poeta e incita um coletivo a se empoderar. A escrita literária, assim, é ferramenta importante, tendo em vista que a escrita literária de mulheres negras revela a face de um “Brasilafro Feminino” (ALVES, 2010). É a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas vivido (EVARISTO, 2005).

Para Audre Lorde, a escrita de poesia por mulheres negras é antes de tudo “iluminação”, porque permite que se nomeiem as ideias que, antes do poema, não têm nome, nem forma, mas são sentidas e estão para nascer. Para a teórica e poeta, trata-se de uma destilação da experiência vivida, fazendo brotar a verdadeira poesia. Escrever poesia não é luxo, mas uma necessidade vital para existir (LORDE, 2019). Em um poema de Leão, em que se evidencia o seu trajeto literário, lemos:

perdi a conta de quantas vezes
fui desencorajada
a prosseguir com meus poemas
eu me lembro dos telefonemas
e das risadas do outro lado da linha

é tão covarde quem tenta roubar
nossas possibilidades
e uma mulher que não se esconde
provoca medo

eu avisei que a escrita em mim
não se esgota
eu avisei que duvidava de tudo
menos do meu jogo com as palavras
eu avisei
(LEÃO, 2017, p. 111)

Para Grada Kilomba a ideia de escrever, quase como obrigação moral, permite que a história seja interrompida e transformada. Especialmente a escrita de grupos minoritários que, ao exercê-la, colocam-se enquanto *sujeitos*, não mais são *objetos* (KILOMBA, 2019).

Nos poemas, percebeu-se uma movimentação do eu poético no que tange à busca por uma identidade. Vislumbrou-se uma articulação de identidades que são interseccionadas: mulher negra, lésbica, de axé, escritora etc. Essa busca por

“identificações” são compreendidas posteriormente à modernidade, de maneira que a identidade tida como “nacional” passou a ser questionada, produzindo um efeito pluralizante de identidades. Stuart Hall orienta nomeá-las de “identificações”, visto que são mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas, menos fixas, unificadas ou trans-históricas (HALL, 2002). Para Homi Bhabha, essas identidades são híbridas, encontram-se nesse “entre-lugar”, de se constituírem longe de dicotomias e binarismos, mas de se entenderem enquanto sujeito fronteiriço, que emerge das fronteiras, nas quais espaço e tempo se cruzam para produzir novas identidades (BHABHA, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de considerações em construção, percebe-se a escrita da poeta como um caminho de autoconhecimento sobre si e de sua escrita, que se revela através das experimentações de suportes. À medida que Leão se aprofunda em seus silenciamentos, em seus atravessamentos identitários, como uma mulher, negra, sapatão, do candomblé, os seus poemas passam a apresentar as suas vivências. De maneira que os compartilhamentos e engajamento em rede por parte dos leitores, e a posição como *best-seller*, colocam-na em evidência como uma voz de um coletivo que compartilha de traços identificatórios com a autora. Respondendo dessa maneira em um empoderamento que se inicia em Ryane Leão e repercute em um coletivo. A escrita de Leão se expande virtualmente, tecnologia que desenha nas redes um futuro preto, com novas narrativas e, conseqüentemente, novos mundos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **BrasilAfro autorrevelado**: Literatura Brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CÂMARA, Mario; KLINGER, Diana; PEDROSA, Celia; WOLFF, Jorge (org.). **Indiccionario do contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010 (Coleção Consciência em Debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia Editora Ltda, 2005. p. 201-212.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

_____. KIFFER, Ana. **Expansões contemporâneas**: Literatura e outras formas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima**. São Paulo: Editora Planeta, 2017.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2019.

REZENDE, Beatriz. **Contemporâneos**: Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI. São Paulo: Casa da Palavra, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SOUZA. Neuza Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.